A *CIÊNCIA DA LÓGICA* NO SISTEMA HEGELIANO

THE SCIENCE OF LOGIC IN THE HEGELIAN SYSTEM

Marcos Fabio Alexandre Nicolau[*]

Resumo: Com a *Lógica* hegeliana propõe-se uma série de encadeamentos categoriais que expressam o próprio movimento do real. A filosofia nada mais seria senão a compreensão desse processo de auto-exposição, que significa também uma auto-apresentação do *absoluto*. Tal processo consistiria em uma exposição de categorias, seqüencialmente progressivas, que vão da indeterminação primeira de *ser/nada* até a completude da *idéia absoluta*. Buscaremos apresentar como o idealismo absoluto hegeliano prova sua tese de que o mundo é racional e que estas categorias apresentadas são, não apenas categorias do pensar, mas categorias do ser.

Palavras-chave: Ciência da Lógica. Sistema. Dialética.

Abstract: The Hegelian *Logic* proposes a series of categorical threads expressing the own real movement. Philosophy would be nothing more than this self-exposure process understanding, which also means a self-presentation of the absolute. This process would consist in an exhibition of categories, sequentially progressive, ranging from the first indeterminacy of being/nothing until the completion of the absolute idea. We intent to present how the Hegelian absolute idealism proves its thesis that world is rational and that these presented categories are, not just thinking categories, but being categories.

Keywords: Science of Logic. System. Dialectic.

Podemos afirmar que a filosofia hegeliana é o estudo da idéia, pois nela vemos como a idéia se desenvolve em movimentos marcados por uma dinâmica dialética, caracterizada por uma sucessão perene de momentos, justamente na *Ciência da Lógica*, que é uma vasta explanação sobre a natureza, origem, extensão, e formas do pensamento conceitual, em uma palavra, pensar sobre o pensamento, como bem afirma Inwood (1997, p. 64). Hegel descreve a formação de conceitos como um processo no qual o ser emerge como essência, e, em um contínuo devir dialético, a essência emerge como conceito.[1] Hegel também descreve os estágios pelos quais os conceitos são determinados e explica como o conceito revela a unidade da essência e do ser.

---

[*] Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da ICA/UFC. Atualmente é Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira FACED/UFC, com bolsa Funcap. E-mail: marcosmcj@yahoo.com.br.

[1] Processo que indica a divisão da *Ciência da Lógica*, como exposto no §83 da *Enciclopédia*: "A Lógica divide-se em três partes:
I – *A Doutrina do Ser* II – *A Doutrina da Essência* III – *A Doutrina do Conceito e da Idéia*
Quer dizer, na Teoria do pensamento:

Em sua *Lógica*, Hegel estabelece que a filosofia em geral tem de se ocupar com pensamentos de objetos concretos[2] (Cf. HEGEL, 1993a, p. 45)[3], de Deus, da natureza, do espírito; mas a lógica desenvolvida pela tradição se ocupa desses inteiramente só por si, na sua completa abstração[4], constatação que o incita a propor uma reformulação dessa lógica, pois afirma que:

> A transformação completa que o modo de pensar filosófico sofreu entre nós desde há cerca de vinte cinco anos, a posição mais elevada que a consciência de si do espírito alcançou sobre si neste período de tempo, tiveram até agora ainda pouca influência sobre a figura da lógica. (HEGEL, 1993a, p. 35)

O período citado por Hegel é o que vai de 1787, ano da publicação da segunda edição da *Crítica da Razão Pura* de Kant, à 1812, ano do dito primeiro prefácio à *Lógica*, período que teve como desenvolvimentos mais significativos as filosofias de Fichte e Schelling, que, assim como Hegel, assumiram a filosofia crítica de Kant, atitude da qual se desenvolveu o idealismo alemão. Porém, Hegel salienta que mesmo estes significativos avanços nada contribuíram para o desenvolvimento da lógica, que ainda continuava "esvaziada".

Em contraposição a isso, sua *Lógica* trata de esclarecer as relações entre os conceitos fundamentais com os quais a razão precisa trabalhar, por isso a considera a ciência do pensar sobre o pensamento, a ciência da idéia pura, do pensar e de suas determinações. O objeto da *Lógica* seria o pensamento, mais precisamente o pensamento conceitual, ou seja, aquele que concebe o conceito. Note-se que para Hegel o conceito não é a representação geral de alguma coisa ou o simples ter algo em mente, mas sim a determinação fundamental: o conceito é o que se apreende na coisa mesma, a estrutura essencial. Por isso podemos afirmar que a *Lógica* tem como conteúdo as estruturas puras da realidade. Logo, a *Lógica* nos oferece todos os conceitos requeridos

---

I – Em sua *imediatez* – no *conceito em si* II – Em sua *reflexão* e *mediação*, no *ser-para-si*, e na *aparência* do conceito III – Em seu *ser-retornado sobre si mesmo* e *ser-junto-a-si* desenvolvido – no conceito *em si* e *para si*". (HEGEL, 1995, p. 169).

[2] É interessante salientar que, para Hegel, tais formas lógicas básicas não estão a nosso serviço, mas na verdade nós estamos sob o poder delas, pois estamos inseridos na realidade à qual elas são o fundamento: "Por conseguinte, podemos então muito menos considerar que as formas-do-pensar que se estendem através de todas as nossas representações – sejam estas meramente teoréticas ou contenham um material que pertence à sensação, ao instinto, à vontade – estão a nosso serviço, que nós as possuímos, e não elas a nós, que nos resta frente a elas? Como devemos nós, como eu devo, como o mais universal, sobrepor-me a elas, que são o mesmo universal como tal?" (HEGEL,1993a, p. 46).

[3] Como utilizamos a tradução espanhola da Ciência da Lógica realizada por Mondolfo, dividida em dois tomos, faremos distinção dos mesmos através das referências "1993a" [tomo I] e "1993b" [tomo II].

[4] Vale expor a sentença de Hyppolite, que afirma: "A filosofia hegeliana é a recusa de qualquer transcendência, o ensaio de uma filosofia rigorosa que pretende permanecer na imanência e dessa não sair." (HYPPOLITE, 1971, p.159).

para pensar sobre o pensamento, devendo ser tida como uma sistematização dos conceitos necessários para a própria estrutura do mundo. Não é somente lógica em um sentido que tenha alguma coisa a ver com uma teoria de argumento válido, ou qualquer coisa parecida, pois a lógica em Hegel tem como sua essência a mais pura idéia[5], ou seja, a idéia que dá a si mesma seus conteúdos, não os recebendo do exterior, como coisas estranhas a ela.[6]

A *Lógica* propõe, em si mesma, novas categorias e novos encadeamentos que pretendem dar conta do processar da realidade. Através dessa nova lógica se visa apreender o processo de exposição do absoluto na multiplicidade do mundo, e a ciência filosófica se reconfiguraria como a compreensão desse processo de auto-exposição, proporcionado pela razão, que tem como resultado aquilo que Hegel chamou de Idéia Absoluta.[7] A idéia absoluta, manifestação última da própria *Lógica*, é a exposição desse movimento de progressiva identificação entre a representação e efetivação do Absoluto. Logo, se afirma sem dúvidas que o alicerce do projeto filosófico de Hegel é a *Lógica*, pois ela representa o movimento próprio da idéia absoluta. Para Hegel a determinação da idéia e todo curso dessa determinação, constituiu o objeto da ciência da lógica, que em seu desenvolvimento fez surgir, a partir de si, a idéia absoluta mesma. (Cf. HEGEL, 1993b, p. 560-561)

Estes momentos não são, como na lógica formal e matemática, nas quais seriam tidos como predicados, termos positivos inertes, aos quais atribuímos ou recusamos a um sujeito, mas são realidades criadas, negadas, suprimidas e reincorporadas pelo próprio sujeito, isto é, pelo absoluto como sujeito de predicação dialética (Cf. CIRNE-

---

[5] "A ciência da idéia pura, isto é, da idéia do elemento abstrato do pensamento". (HEGEL, 1995, p. 65).

[6] No primeiro prefácio a obra, Hegel ratifica o caráter inovador de sua proposta e justifica sua necessidade: "O ponto de vista essencial é que se trata sobretudo de um novo conceito de tratamento científico. A filosofia, ao dever ser ciência, não pode, para este efeito, como eu recordei noutro lugar [*Fenomenologia do Espírito* – acréscimo nosso], pedir emprestado o seu método a uma ciência subordinada, como é a matemática, como tão pouco dar-se por satisfeita, com asseverações categóricas da intuição interior, nem servir-se de um raciocínio argüente fundado na reflexão exterior. Pelo contrário, só pode sê-lo a natureza do conteúdo, a qual se move no conhecer científico, sendo ao mesmo tempo esta reflexão mesma do conteúdo, que somente põe e produz a sua determinação mesma." (HEGEL, 1993a, p. 38)

[7] Pois, para Hegel, o caráter fixo e inerte de tais métodos científicos aqui criticados, é fruto da ação do entendimento, que Hegel distinguirá da razão: "O entendimento determina e mantém fixas as determinações; a razão é negativa e dialética porque dissolve em nada as determinações do entendimento; é positiva porque produz o universal e nele subsume o particular. Como o entendimento costuma ser tomado como algo separado da razão em geral, assim também a razão dialética costuma ser considerada como algo separado da razão positiva. A razão, porém, na sua verdade é espírito, o qual é superior a ambos, é a razão intelectiva ou entendimento racional. Ele é o negativo, aquilo que constitui tanto a qualidade da razão dialética com o a do entendimento; – ele nega o simples, e põe deste modo a diferença determinada do entendimento; dissolve-a da mesma maneira e, **assim** [grifo nosso], é dialético." (HEGEL, 1993a, p. 38-39).

LIMA, 1993, p. 501). A autoreferência põe a si mesma como alteridade para si mesma, sendo sempre automediada (Cf. AQUINO, 2007, p. 18). A forma lógica, desse modo, se encontra intrinsecamente unida ao conteúdo, se constituindo como verdade imutável e viva: "Trazer à consciência esta natureza lógica que anima o espírito, que nele impulsiona e opera – esta é a tarefa." (HEGEL, 1993a, p. 116).

A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, na qual a *Lógica* mesma só é um momento, nos mostra que cada obra de Hegel ocupa seu lugar no todo de sua filosofia, pois o que o filósofo busca é a constituição de um sistema da ciência. Desse sistema, a *Enciclopédia* seria como que uma exposição geral, enriquecida por obras específicas de cada momento exposto. Mas, como é próprio de uma enciclopédia ser um resumo, se pode dizer que ela é a expressão condensada do pensamento ou do projeto de um sistema da ciência desejado por Hegel, do qual a *Fenomenologia do Espírito* é a introdução, trazendo no seu prefácio a apresentação do programa que Hegel então iria empreender.

A *Lógica*, reconhecidamente de grande importância especulativa e fundamento de todo o sistema hegeliano, se apresenta como um livro praticamente ilegível e pouco convidativo ao público não especializado. Tal dificuldade é atribuída por Hösle (2007, p. 183), ao fato de ser exigido ao leitor da *Lógica*, além de um alto grau de abstração, conhecimentos extraordinários de história da filosofia, percorrendo um cenário que vai desde a Antiguidade até o próprio Hegel, sem mencionar a história da matemática e das ciências naturais do século XIX, capacidade que, para Hösle, ninguém mais dispôs desde a morte de Hegel.[8] Mesmo a pequena lógica da *Enciclopédia* possui termos empregados por Hegel que somente se definem através da relação estabelecida entre os conceitos, que são sempre remetidos uns aos outros, processo pelo qual cada conceito adquire seu sentido pelo lugar que ocupa na rede de relações dialéticas (Cf. CIRNE-LIMA; SOARES, 2005, p. 5). Um conceito tem completude para o pensamento no sentido em que inclui em si todos os conceitos anteriores do pensamento, ou seja, na medida que reconhece suas relações para com cada conceito exposto até então. Daí o

[8] O que é ratificado por Koiré em seus *Études d'Histoire de la Pensée Philosophique*: "Quando lemos Hegel – acreditamos que, pelo menos no foro íntimo, todos os seus leitores concordarão conosco – temos, muito freqüentemente, a impressão de não compreender nada. E nos perguntamos: o que isso quererá dizer? Às vezes, até – baixinho – : será que isso quer dizer alguma coisa? Muito freqüentemente também mesmo quando compreendemos, ou acreditamos compreender, temos uma sensação penosa: a de assistir a uma espécie de feitiçaria ou magia espiritual. Ficamos maravilhados: mas realmente, não entendemos." (KOIRÉ, 1991, p. 115).

porquê dessa ciência hegeliana envolver um sumário dos conceitos mais gerais, em termos que a realidade deve ser interpretada.

> Purificar estas categorias que são eficazes só instintivamente como impulsos e, de início, levadas à consciência do espírito de forma isolada e, por isso, de modo inconsciente e emaranhado – e que lhe conferem assim uma efetividade isolada e insegura –, e, dessa maneira, elevá-lo nelas à liberdade e à verdade, é esta, por conseguinte, a *mais alta* questão da lógica. (HEGEL, 1993a, p. 116)

Pois a *Lógica* de Hegel se compromete em fazer ver como o absoluto é o fundamento universal de tudo o que existe, isto é, como o absoluto tem de brotar de si mesmo para engendrar a totalidade, a saber, a natureza e o espírito.[9] Dessa forma, a lógica do sistema hegeliano começa dando conta do absoluto ou do pensamento metafísico de Deus antes da criação da natureza e do espírito finito ou, interpretando essa exposição metafórica de Hegel, com os conceitos ou formas puras de pensamento, que são a estrutura de toda realidade.[10]

Logo, a *Lógica* pode ser considerada da mesma forma uma teoria do conceito divino, não porque queira para si o estatuto da teologia, pois não há aqui na *Lógica*, a nosso ver, qualquer sentido de uma reflexão teológica, nem porque queira eleger o conceito Deus como um objeto de tratamento privilegiado, mas porque tem o absoluto como tema. Na perspectiva de Lebrun, Hegel, ao comparar sua *Lógica* a uma apresentação de Deus, acaba por situá-la na economia do sistema, sendo a *Lógica* o *em-si* do discurso filosófico, ou seja, ela marca o momento da pura abstração do início do sistema, desvelado através do discurso dialético (Cf. LEBRUN, 2006, p. 168)[11], e por

[9] O que fez com que inúmeros intérpretes tomassem a filosofia hegeliana como uma espécie de *panteísmo*, porém, segundo Plant, deve ser considerada mais um *panenteísmo*: "Hegel recusa claramente o deísmo da ilustração, em que Deus cria o universo, mas não tem mais papel ulterior nele. Ele é diferente do panteísmo de Espinosa, em cuja obra Deus é identificado com o mundo como um todo [...] A filosofia de Hegel não é panteísta porque temos uma concepção de Deus como ele é nele mesmo (a Idéia Absoluta), mas esse conhecimento de Deus é abstrato sem o entendimento do autoposicionamento de Deus no mundo, que tem que ocorrer se Deus é consciência e Espírito [...] Panenteísmo é constituído por três termos gregos: *pan,* significando todos ou tudo; *en,* significando em; *theos*, significando Deus, e é apropriado para transmitir precisamente o que Hegel quer significar: que Deus é imanente ao mundo, porém é mais que a soma das partes do mundo". (PLANT, 2000, p. 55-56)

[10] Nas palavras de Hegel: "A lógica, por conseguinte, deve ser apreendida como o sistema da razão pura, como o reino do pensamento puro. *Este reino é a verdade mesma, tal como é sem véus em e para si mesma*; por isso, pode-se dizer que este conteúdo é a *apresentação de Deus como ele é na sua essência eterna, antes da criação da natureza e de um espírito finito.*" (HEGEL, 1993a, p. 66)

[11] Sobre a importância desse comentário de Lebrun, Arantes salienta que: "A *Paciência do Conceito* é antes de tudo um notável exercício de desdogmatização de um sistema filosófico, além do mais executado, nada mais nada menos, na figura do mais dogmático sistema de todos os tempos [...] Numa palavra, erradicando-lhe todo e qualquer resíduo afirmativo, Lebrun reduzia o hegelianismo ao que lhe parecia ser o essencial, à Dialética, e esta, a uma espécie de revolução discursiva sem precedentes (ou melhor, havia um e logo saberemos qual é), uma "máquina de linguagem" especializada em pulverizar as

isso deve ser metaforicamente chamada "teologia especulativa", pois "a Lógica está para o sistema como a pura teologia está para a Revelação: o programa em relação à execução" (LEBRUN, 2006, p. 168-169).[12]

Hegel está lidando o tempo todo com essencialidades puras, com o espírito pensando sua própria essência – porém, esse pensar não é uma abstração vazia, mas uma reflexão sistemática integral, infinita, do pensar sobre si mesmo através de todos os seus conteúdos –, e estas essencialidades estão ligadas por um processo dialético que avança desde a mais pura abstração, o ser[13], até o mais concreto, que é a Idéia Absoluta. Sendo cada esfera da idéia lógica uma totalidade de determinações, Hegel as tem como uma real apresentação do absoluto.[14]

Seguindo a sentença de Parmênides, Hegel entende que ser e pensar são idênticos, compartilham de uma mesma lógica, fazem parte de uma mesma totalidade, a qual é nomeada pelo filósofo de diversas maneiras, a saber, idéia, absoluto, conceito. Para Hegel, tudo está contido no absoluto, por isso, somente este é o verdadeiro.

Uma vez que tanto ser quanto pensar fazem parte de um todo e compartilham de uma mesma lógica, basta conhecer como se dá o processo do manifestar dessa mesma lógica, ou seja, pensar o pensamento que se pensa a si mesmo. Processo esse que é a viga mestra da *Lógica*: a Idéia Absoluta, que se configura como o próprio método absoluto, desdobrada como uma estrutura em movimento.[15]

---

categorias petrificadas, as fixações arcaicas do pensamento dito "representativo", encarnado no caso pelo famigerado (depois do Idealismo Alemão) Entendimento. Comprimidas por tal engrenagem, as significações correntes se punham a flutuar para finalmente confessar que no fundo não eram nada mesmo, a não ser um ninho de contradições cujo resultado se desmanchava no ar. Não havia doutrina portanto, nada a ensinar ou informar. A Dialética, no final das contas, nada mais era do que uma maneira de falar." (ARANTES, 1993, p. 155).

[12] Mas aqui não se trata da forma pejorativa que Feuerbach conceituou a filosofia hegeliana em seus *Princípios da Filosofia do Futuro*, onde afirma que a filosofia de Hegel, a filosofia especulativa, é uma teologia especulativa, já que para Feuerbach: "a lógica hegeliana é a Teologia reconduzida à razão e ao presente, a teologia feita lógica [...] quem não abandonar a filosofia hegeliana, não abandona a teologia [...] a filosofia hegeliana é o lugar de refúgio, o último suporte racional da teologia". (FEUERBACH, 1989, p. 21 e 31). Aqui cabe mais a comparação que Lebrun faz da *Lógica* com a idéia abstrata de Deus, da qual a teologia funda seu saber e busca apresentar a religião revelada.

[13] Princípio herdado da filosofia de Parmênides, como Hegel bem o atesta na *Lógica*: "A simples idéia do ser puro foi expressa primeiramente pelos Eleatas e, especialmente, Parmênides como o absoluto e a única verdade; e nos fragmentos que nos chegaram dele, [se encontra expressa] com o puro entusiasmo do pensamento, que pela primeira vez se concebe em sua absoluta abstração: apenas o ser existe, e o nada não existe em absoluto." (HEGEL, 1993a, p.109).

[14] "A lógica de Hegel, como lógica da filosofia, é mesmo a expressão do ser absoluto, o ser absoluto enquanto aquele que é suscetível de ser dito, enquanto aquele que se diz, e se diz nas diversas filosofias que se sucederam na história humana". (HYPPOLITE, 1971, p. 166).

[15] Diz Hegel: "A idéia Absoluta é o único objeto e conteúdo da filosofia. Portanto contém em si toda determinação e sua essência consiste em voltar a si através de sua autodeterminação ou particularização, tem diferentes configurações, e a tarefa da filosofia é reconhecê-la nestas." (HEGEL, 1993b, p. 559-560).

Este movimento da *Lógica* pode ser entendido em suas linhas gerais como o movimento do ser puro em direção ao absoluto[16], porque procura superar (preservando) formas de ser incompletas ou insustentáveis, que priorizam em demasia a unilateralidade de um entendimento que quer sempre dualizar o que é a realidade. O idealismo absoluto de Hegel procura a união e a identidade entre ser e pensamento, e dessa união busca revelar o verdadeiro real que é, para Hegel, também um idealismo: aqui se trata do pensar que sabe de si e do ser.[17] O que Hegel denuncia ter se perdido em sua época, e remonta à metafísica antiga esse conceito mais elevado de pensamento:

> Esta metafísica, portanto, estimava que o pensamento e as determinações do pensamento não eram algo estranho ao objeto, senão que constituíam sua essência, ou seja, que as *coisas e* o *pensamento* delas – do mesmo modo que nosso idioma expressa um parentesco entre os dois [termos] – coincidem em si e por si, [isto é], que o pensamento em suas determinações imanentes e a natureza verdadeira das coisas constituem um só e mesmo conteúdo. (HEGEL, 1993a, p. 60)

Sendo que disso se conclui que conhecendo as configurações do pensar conheceremos as do ser, e vice-versa. Essa identidade de ser e pensar possui caráter dialético, ou seja, há uma circularidade[18], fonte do movimento tanto do ser como do pensar, que faz da *Lógica* o desenvolvimento do absoluto, no sentido de que deduz de si

---

[16] Por Idealismo devemos entender: "o movimento filosófico que culminou com a obra de Hegel, definido por sua tentativa de transcender os vários dualismos que perpassou a filosofia de Kant [...] O idealismo absoluto de Hegel, pelo contrário, entende que pensamento humano reflete a natureza da própria realidade, não sua própria subjetividade, embora desde o mais profundo fato sobre a natureza da realidade é que é um produto do pensamento de Deus, esse absolutismo ainda é, na opinião do Hegel, uma forma de idealismo e não de qualquer tipo de realismo absoluto ou materialismo. Na verdade, Hegel ainda vai tão longe quanto à alegação de que o fato de que os objetos apareçam aos seres humanos, de modo particular, como fenômenos, é uma reflexão da essencial natureza desses objetos e da sua origem numa divina inteligência, em vez de nossa própria. Assim, Hegel não simplesmente rejeita os dualismos de Kant, primeiro que tudo entre a forma do pensamento humano e a verdadeira natureza do ser, *ab initio*; em vez disso, ele pensa que os dualismos de Kant são identificados com as próprias manifestações da verdadeira natureza do ser." (GUYER, 2000, p. 37).

[17] Identidade à qual Oliveira nos dá a gênese: "Ser algo determinado significa em grego simplesmente ser e neste sentido ser é princípio do conhecimento: trata-se da medida de toda crítica conseqüente de conhecimento, uma vez que nenhum ato de pensamento pode ser executado sem pressupor que o pensado seja algo determinado. Pode-se dizer que nesta perspectiva o pensamento considerado ingênuo pela modernidade é mais radicalmente crítico do que o próprio pensamento da modernidade, pois a crítica já começa onde de acordo com a modernidade o pensamento ainda não interveio, ou seja, na fase puramente receptiva: o que não pode ser pensado, percebido, lembrado, representado como um algo de forma alguma pode ser conhecido em qualquer nível de conhecimento. Ser é assim um critério interno do próprio pensamento." (OLIVEIRA, 2007, p. 42).

[18] "Esta noção de circularidade é indispensável à Hegel para justificar o método de desenvolvimento do sistema que é ele mesmo a sua própria prova. Se existe, com efeito, uma totalidade completa, terminada, dos conceitos e das coisas, pode-se partir de qualquer lugar, porque 'este ponto de vista que assim parece imediato deve, ao interior da ciência (ou seja, do sistema, R. G.)' tornar-se o resultado e o resultado final mesmo; nesse mesmo. É assim que a filosofia aparece como um círculo que retorna sobre ele mesmo." (GARAUDY, 1970, p. 177).

mesma as passagens do ser ao nada, desses ao devir, à qualidade, à quantidade, à medida, à essência, ao fenômeno, à realidade, ao conceito, ao mecanismo, à finalidade, à vida, ao conhecimento, e, por fim, à Idéia Absoluta, fruto de encadeamento lógico, que é a trajetória do absoluto no desvelar de si mesmo. Os objetos da *Lógica* são, portanto, os princípios, as estruturas que servem de base às realidades concretas oferecidas pela experiência, o que justifica a termos como uma verdadeira "doutrina da ciência".[19] Mas a *Lógica* não apenas dá as bases necessárias para a filosofia erigir as ciências e o instrumento ou o método que deverá empregar para tal feito, pois além de estabelecer a estrutura fundamental do sistema das ciências, traz em si mesma todo esse sistema. Constatação que nos faz compreender o porquê essa esfera lógica, em Hegel, deve necessariamente a tudo abranger, dado que fora dela nenhuma realidade é concebível. Portanto, a *Lógica* contém desde já a própria demonstração e a completa justificação do idealismo absoluto hegeliano (Cf. NOËL, 1933, p. 19-20).

Mas, segundo tais afirmações, não podemos afirmar que a *Lógica* de Hegel pode ser considerada uma metafísica? Encontramos Hegel a afirmar em um dos prefácios à *Lógica* que é "a ciência lógica, que constitui a metafísica propriamente dita ou a filosofia especulativa" (HEGEL, 1993a, p. 107).[20] Para Hegel, é na *Lógica* que deve ter lugar esta identidade entre lógica e metafísica. O que nos incita a questão: por que Hegel afirma ser esse desenvolvimento da elucidação do ser uma lógica? Cabe esclarecer o sentido da transformação que Hegel quer fazer sofrer à metafísica, e examinar a maneira como se dá esta transformação.[21]

---

[19] Quanto a esta questão remetemos nosso artigo "O Projeto de uma Doutrina da Ciência no Idealismo Alemão", publicado em AMORA, K. C.; COSTESKI, E.; BRILHANTE, A. A. *Extratos Filosóficos - 10 anos do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFC*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, v.7, p. 111-124.

[20] Na verdade, a proposta hegeliana é a de uma identidade entre lógica e ontologia, ou seja, entre a lógica e a doutrina ou discurso sobre o ente, à doutrina do ente enquanto tal, e não à metafísica em sua totalidade. Sabe-se que o campo da ontologia é o da metafísica geral, mas que não contempla, embora seja preparatório para ela, a metafísica especial: cosmologia, psicologia racional, teologia racional. Porém, seguiremos no trabalho usando o termo *metafísica* com base no próprio texto de Hegel, que usa *metafísica* para expressar o quer, e não *ontologia*. No entanto, compreenda-se que ao falarmos metafísica queremos significar ontologia, ramo especial da metafísica.

[21] Sobre essa questão Ferreira (1990, p. 98) nos informa, em sua apresentação ao prefácio da *Ciência da Lógica*, que Hegel, "No primeiro ano de docência universitária rege logo um curso sobre 'lógica e metafísica ou o sistema da reflexão ou da razão', distinção axial cuja função sistemática variará, mas a que nunca mais deixará de referir-se. O aprofundamento dos temas lógicos irá aflorando depois em apontamentos dispersos ao longo de todo esse período, até ganhar a sua mais ampla expressão num manuscrito de 1804-1805, a chamada 'Lógica de Iena', onde desenvolve uma doutrina das categorias bastante elaborada e discute expressamente a articulação orgânica entre a lógica e a metafísica [...] a viragem essencial na concepção lógica, todavia, ocorre no termo deste período e é registrada claramente no *Prefacio do Sistema da Ciência*; aqui a lógica surge como a 'ciência do verdadeiro que é na figura do verdadeiro', como exposição do método que a vida e a verdade prosseguem, 'ou a ciência', isto é, como a

Sabe-se que o projeto da *Lógica* é, também, o da transformação da metafísica em lógica.[22] Para examinar esta questão, convém determinar qual, de acordo com Hegel, é o conteúdo da metafísica. Ora, para Hegel esse conteúdo é o ser apreendido pelo pensamento. Assim, segundo Hegel, a antiga metafísica apreendeu que o ser verdadeiro é o ser pensado e que, conseqüentemente, a verdade consiste na unidade do pensamento e do ser (Parmênides). Ora, a ciência da qual a *Lógica* é a parte principal é precisamente a filosofia que parte da unidade entre pensamento e ser, e se se pode haver identidade entre metafísica e lógica, é porque a metafísica e a lógica têm o mesmo conteúdo.[23]

Diante de tal constatação, a lógica hegeliana tem, por conseguinte, o sentido de um cumprimento da metafísica, o que pode ser constatado caso façamos uma análise sobre a própria tarefa da metafísica. Ora, a tradição metafísica tem, desde o seu advento, interpretado o ser como *logos*. O *logos* é o termo grego do qual derivam os termos lógica e logicidade, e tem na história da filosofia uma identidade primordial com o ser, pois ambos são tidos como princípios que constituem uma ligação, uma unificação do real, sendo que tudo que está fora dessa unidade forjada por ambos é não-ser, e deve ser tido como ilógico – como bem o afirmou Parmênides (1991, p. 80) em seu poema *Sobre a Natureza*. Dessa forma a metafísica é ciência do ser e do *logos*, ou seja, do ser e do pensamento, pois no pensar se dá a ligação com o ser, a lógica ou a logicidade do ser. E como o ser é aquilo que reúne em sua unidade tudo aquilo que é, o pensamento deve ser considerado como a manifestação dessa unidade, logo a metafísica deve ser considerada lógica enquanto é pensamento do ser, e enquanto é manifestação dessa unidade necessária que é o ser (Cf. MOLINARO, 2000, p. 79-80). Essa reflexão "extra-Hegel" torna evidente o porquê não é absurda a proposta hegeliana de que sua *Lógica* fosse considerada uma metafísica. Sendo em Hegel o "roteiro do *lógos*", como diz Lima Vaz (2002, p. 11), cumprido em termos dialéticos, tendo seu movimento culminado numa idéia última que integra todos os seus momentos.

---

ciência da estrutura dinâmica da totalidade e da constituição do absoluto, pensados na sua 'essencialidade pura'."

[22] Tarefa que, para Hegel, já havia sido iniciada por Kant: "Na verdade a filosofia crítica já transformou a metafísica em lógica, porém como já se recordou, igualmente ao idealismo posterior, deu às determinações lógicas, por medo ao objeto, um significado essencialmente subjetivo." (HEGEL, 1993a, p. 67).

[23] Ou como diz Ferreira (1990, p. 100) em sua apresentação ao prefácio da *Ciência da Lógica*: "A metafísica coincide com a lógica, na perspectiva de Hegel, porque as formas puras do pensar são identicamente determinações do real, da Coisa mesma, inseridas num processo de progressiva concreção, que parte da categoria 'mais vazia e pobre' – o ser – para atingir a idéia, recapitulação em ato de todas as determinações do absoluto, o único concreto, e reencontro com a vida: 'Só a idéia absoluta é ser, vida que não passa, verdade que se sabe e que é toda verdade'."

Compreende-se assim que a lógica se identifique com a metafísica, que é justamente o estudo dos princípios primeiros da realidade, pois se se aceita esta identidade entre pensamento e realidade se deve afirmar a identidade entre metafísica e lógica. Mas a metafísica hegeliana busca captar a essência da realidade como espírito absoluto, absoluto esse que não é um Deus transcendente, ou uma dimensão metafísica da realidade que esteja por detrás das coisas, trata da infinitude que subjaz às coisas mesmas: o infinito é o que dá sentido e realidade ao finito, sendo manifestado nele, pois o infinito e o finito devem se entender como unidade[24], de forma que o infinito esteja expresso no finito e que este, por sua vez, reconheça que nada seria sem a intervenção do infinito nele (Cf. RÖD, 1981, p. 13).

Eis aqui, segundo Luft, um dos méritos da *Lógica*: aprofundar e radicalizar a filosofia crítica de Kant, pois propõe realizar uma teoria acerca do real partindo tão somente de uma teoria do pensamento puro, do qual se pode apreender a logicidade dialética da Idéia e a própria estrutura ontológica do real como um todo. Pois,

> se é possível a realização de uma Ontologia na imanência de uma teoria do pensamento, então também é viável a instituição de uma teoria *a priori* do ser, sem com isso transcender os rígidos limites da argumentação racional traçados pela *Crítica da razão pura*. (LUFT, 2001, p. 126)

Assim, se devia encontrar na realidade as características divinas do antigo Deus transcendente, "morto" por Kant.[25] Por isso, ao constatar as dificuldades nas quais caía o idealismo subjetivo, Hegel retoma e assume o argumento ontológico em sua formulação e validade lógica, pois nele encontra o que deseja desenvolver em sua própria filosofia: a afirmação da identidade entre ser e pensar, do finito e do infinito. A idéia de Deus, essência que implica a existência de Deus, o ser de Deus pensado na argumentação ontológica é o pensamento supremo enquanto representação que a mente humana pode fazer para si de Deus.[26] O ser desse ser pensado, dessa representação, é a

[24] Pois, assim como afirma Koyré (1991, p. 125), "a origem, o fundamento da dialética [...] está na relação do finito com o infinito".
[25] "Deus está morto." Tal assertiva foi diagnosticada por Hegel (2007, p. 173) em seu artigo *Fé e Saber*, no qual critica a filosofia subjetiva kantiana, seguida das de Jacob e Fichte, que impõe ao sujeito a tarefa de pôr as condições para todo e qualquer conhecimento, negando-lhe qualquer acesso ao âmbito do absoluto e do incondicionado, gerando assim "a sensação de que Deus ele mesmo está morto".
[26] Em seu *Proslogion,* Santo Anselmo define Deus como "aquilo sobre o que não se pode pensar nada de maior". Pensando em Deus, não podemos pensá-lo como não existente, e, a partir daí, provamos a sua existência. Pois, de outra forma, não teríamos pensado nisso – de que não se pode pensar nada de maior –, por isso, Deus não pode ser algo somente pensado no intelecto, mas também existente de fato. Em Deus pensamento e ser, idéia e existência coincidem, sendo a existência de Deus baseada em sua simples

própria existência de Deus. Temos juntos essência e existência de Deus, pensamento e ser, representação e existência, idéia de Deus em nossa mente e realidade efetiva, o ser no pensamento e o ser real. Para Hegel (1993a, p. 107-109) esta é a lei suprema da identidade de todo pensamento e de toda realidade. Daí o porque Hegel não abrir mão desse acesso ao incondicionado: é a idéia de um absoluto real, que só é em sua manifestação, que dá sentido ao processo dialético estabelecido no sistema hegeliano. O absoluto representa a verdadeira realização dialética da identidade entre ser e pensar.[27]

No entanto, para poder elevar a realidade do mundo à ordem da realidade absoluta, Hegel se achava obrigado a mostrar a racionalidade absoluta da realidade, a qual, sendo o mundo limitado e deficiente, não podia, por certo, ser concebida mediante o ser da filosofia parmenidiana-aristotélica, idêntico a si mesmo e excludente de seu oposto, no qual a finitude, a limitação, a negação, a contradição, não podem, de modo nenhum, gerar naturalmente valores positivos, verdadeiros. Assim, para Hegel, a racionalidade absoluta da realidade do mundo devia ser concebida mediante a dialética.

Mas, quais as razões de Hegel ao afirmar ser a dialética a lógica do todo, e o método próprio da ciência filosófica? Pois os conceitos fundamentais da *Lógica*, o espírito, a razão, a liberdade, estão relacionadas com ciência hegeliana[28], que por sua vez está em relação direta com dialética hegeliana. É ela, a dialética, que produz os conceitos estruturantes da realidade exposta no sistema. Daí a dificuldade de compreender as distintas partes do sistema sem uma compreensão e um aprofundar prévio na *Lógica*. Isso se dá porque Hegel concebe a filosofia como uma das formas em

---

possibilidade lógica, ou seja, a essência daquilo que é Deus implica necessariamente sua existência. (Cf. TOMATIS, 2003, p. 5-7).

[27] Porém, para enriquecer ainda mais os estudos da filosofia hegeliana, há sobre ela inúmeras interpretações, das quais ressaltamos a interessante proposição de Gadamer sobre essa busca pelo Conceito da *Lógica*, que traz à tona a questão sobre o fechar ou não do sistema hegeliano, e que rememora uma certa sobriedade que por muitos somente pode caber a Fichte, que em sua *Doutrina da Ciência* estipulou limites a essa busca pelo absoluto. A proposta gadameriana atribui uma certa humildade a nosso filósofo: "Indiretamente, a idéia da lógica de Hegel remete mais além de si mesma, posto que a expressão "o lógico", tão apreciada por Hegel, reconhece a real impossibilidade de que seja completado o conceito." (GADAMER, 2000, p. 102).

[28] É evidente que o que Hegel entende por ciência nada tem a ver com o que se entende por tal na ciência atual, que se embasa na experiência sensível. Hegel afirma que o conteúdo total da ciência tem que ser derivado do conceito. É dele que saem as determinações das ciências. Se o conceito é a forma, o conteúdo é posto ou engendrado pela forma. O que Hegel entende por tal é a derivação total do conteúdo desde o conceito: "O desenvolvimento imanente de uma ciência, a dedução de todo o seu conteúdo a partir de um conceito simples (sem o qual, pelo menos, nenhuma ciência merece o nome de ciência filosófica) manifestam-se por um caráter próprio: um só e mesmo conceito, neste caso a vontade, que no início – porque se trata de um início – é abstrato, perdura mas produz as suas determinações só por si. Deste modo dá a si mesmo um conteúdo concreto." É nisto que consiste a ciência, do derivar do conceito as categorias, se servindo da negatividade, à qual ao negar um objeto produz um outro, sendo que ambos estão vinculados por um nexo necessário. (HEGEL, 1990¹, p. 201).

que o espírito absoluto se manifesta. O filosofar, para Hegel, se torna investigação da realidade enquanto construção histórica da razão, estabelecida por um processar dialético que, segundo Gadamer:

> Se trata de uma progressão imanente, que não pretende partir de nenhuma tese imposta, senão seguir o automovimento dos conceitos, e expor, prescindindo por inteiro de toda transição designada desde fora, a conseqüência imanente do pensamento em contínua progressão. (GADAMER, 2000, p. 11)

Hegel promove a interpretação do real como a última instância de um desenvolvimento racional e dialético, o voltar-para-si do absoluto, que surge em completa imediaticidade e ruma à própria efetividade. Por isso a *Ciência da Lógica* traz em sua estrutura o que Hegel quer estabelecer como investigação filosófica: ela traz em si o próprio método da filosofia e o próprio conceito de ciência.[29]

Referências

AQUINO, Marcelo F. Metafísica da subjetividade e remodelação do conceito de Espírito em Hegel. In: CHAGAS, E. F.; UTZ, K.; OLIVEIRA, J. W. J. (Org.). *Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

ARANTES, Paulo E. Hegel, Frente e Verso: Nota sobre achados e perdidos em História da Filosofia. In: *Revista Discurso*, São Paulo, n. 22, 1993. 153-165.

CIRNE-LIMA, Carlos R. V. A Lógica do Absoluto. In: *Revista Síntese: Cultura e Filosofia*. v. 20, n. 63. outubro-dezembro 1993, p. 499-532.

______. SOARES, A. C. K. Being, Nothing, Becoming. Hegel and Us – A Formalization. In: *Revista Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, n. 6, ano 1, jan.-abr. 2005, p. 5-39.

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro*. Trad: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

GADAMER, Hans-Georg. *La dialéctica Hegel: Cinco ensayos hermenéuticos*. 5ª ed. Trad: Manuel Garrido. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

GARAUDY, Roger. *Dieu est mort: Étude sur Hegel*. Paris : Presses Universitaires de France, 1970.

GUYER, Paul. Absolute idealism and the rejection of Kantian dualism. In: AMERIKS, Karl (Org.). *The Cambridge Companion to German Idealism*. New York: Cambridge University Press, 2000, p. 37-56.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *Ciencia de la Logica*. 2 vol. 6ª ed. Trad: Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993.

______. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas: a Ciência da Lógica*. Trad: Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

______. *Fé e Saber*. Trad: Oliver Tolle. São Paulo: Hedra, 2007.

[29] "Porém, não só a exposição do método científico pertence ao conteúdo da lógica, senão também o *conceito* mesmo da *ciência* em geral, e este constitui exatamente seu resultado último." (HEGEL, 1993a, p. 57).

______. *Princípios da Filosofia do Direito*. Trad: O. Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1990¹.
______. *Prefácios***.** Trad: Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1990².
HÖSLE, Vittorio. *O sistema de Hegel – O idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad: Antº Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
HYPPOLITE, Jean. *Figures de la pensée philosophique: Écrits de Jean Hyppolite (1931-1968) – Tome Premier*. Paris: Press Universitaires de France, 1971.
INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de história do pensamento filosófico*. Trad: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
LEBRUN, Gerard. *A paciência do conceito: Ensaio sobre o discurso hegeliano*. Trad: Silvia Rosa Filho. São Paulo: Unesp, 2006.
LIMA VAZ, Henrique C. de. Método e dialética. In: BRITO, E. F. de; CHANG, L. H. (Org.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 9-17.
LUFT, Eduardo. *As sementes da dúvida: Investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana*. São Paulo: Editora Mandarin, 2001.
MOLINARO, Aniceto. *Léxico de Metafísica*. Trad: Benoni Lemos e Patrizia G. E. Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2000.
NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1933.
OLIVEIRA, Manfredo A. de. Hegel, síntese entre racionalidade moderna e antiga? In: CHAGAS, E. F.; UTZ, K.; OLIVEIRA, J. W. J. (Org.). *Comemoração aos 200 anos da "Fenomenologia do Espírito" de Hegel*. Fortaleza: Edições UFC, 2007, p. 39-63.
PARMÊNIDES. Sobre a Natureza (Fragmentos). Trad: José Cavalcante e Sousa. In: PRÉ-SÓCRATICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 79-83. (Coleção Os Pensadores).
PLANT, Raymond. *Hegel: Sobre religião e filosofia*. Trad: Oswaldo Giacóia. São Paulo: Unesp, 2000.
RÖD, Wolfang. O Hegelianismo hoje: Um anacronismo? In: GOMES, N. G. *Hegel: Um seminário na Universidade de Brasília*. Brasília: UNB, 1981, p. 9-20.
TOMATIS, Francesco. *O argumento ontológico: a existência de Deus de Anselmo a Schelling***.** Trad: Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 2003.

Artigo recebido em: 10/01/10
Aceito em: 07/03/10